



**IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte**  
**XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física**



**Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012**

**EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.**

**ISSN 2179-8141**

**A DANÇA ENQUANTO EXPERIÊNCIA E SUAS RELAÇÕES NA FORMAÇÃO  
DOCENTE**

Thalita Rodrigues Ferreira<sup>1</sup>

Marise Botti<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Graduanda em Educação Física da UFSJ (Universidade Federal de São João Del Rei)

<sup>2</sup>Orientadora – docente da UFSJ (Universidade Federal de São João Del Rei)

**Resumo**

Esta pesquisa surge do anseio de refletir sobre história de vida e formação docente no que tange ao conceito de experiência aliado ao conhecimento da Dança. Buscamos nos aprofundar na temática por meio de levantamento e leituras de referenciais teóricos. Sem a pretensão de concluir assuntos tão complexos inferimos que, instigado por tais reflexões e compreendendo seu próprio percurso formativo por meio da história de vida, o leitor possa reconhecer o que lhe constituiu em experiência e, a partir daí utilizar-se de tal instrumento para o enriquecimento de sua prática docente.

**INTRODUÇÃO**

Neste texto buscamos compreender como o processo de formação de professores vem se configurando em sua prática docente e, para isto, percebemos a necessidade de não nos apreendermos somente ao espaço e ao tempo presente, como um processo de formação finito e fragmentado de sua história e de suas marcas, mas sim buscamos compreender e refletir sobre a história de vida de professores especialmente no que se refere as experiências vividas com a Dança. Concordamos com Bueno (2002) quando a autora afirma que é preciso pensar a formação do professor como um processo, cujo início se situa muito antes do ingresso nos cursos de habilitação, ou seja, desde os primórdios de sua escolarização e/ou até mesmo antes, e se segue durante todo o percurso da vida.

Aliados ao entendimento de que a formação de professores é dado como um processo que ocorre durante toda a vida e para além das instituições de ensino, incluímos na nossa discussão a Dança como tema inquietante no âmbito escolar, especialmente por sua freqüente marginalização nas atividades e planejamentos escolares.

Ao investigar este contexto e/ou nos depararmos com as aulas de alguns professores de Educação Física da rede de ensino, notamos que a Dança, quando presente, aparece somente nas datas comemorativas, nas rodas de recreio, nos festejos



**IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte**  
**XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física**



**Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012**

**EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.**

**ISSN 2179-8141**

tradicionais, mas dificilmente nas aulas de Educação Física como um processo de ensino-aprendizagem que se constitui de relações didático-pedagógicas significativas e formativas aos alunos, o que pode gerar uma apropriação deste conhecimento de forma utilitarista e instrumental.

Reconhecemos a existência de estudos que apontam motivos pelos quais a Dança vem sendo marginalizada nas aulas de Educação Física escolar, entre eles: a falta de conhecimento dos professores pelos conteúdos e a formação inicial fragilizada (KLEINUBING e SARAIVA, 2009; JÚNIOR e LIMA, 2002), a sua valorização enquanto conhecimento próprio e uma linguagem expressiva específica (BRASILEIRO, 2003; MARQUES, 1990), o reconhecimento de uma atividade vista como extra-escolar e extracurricular (BRASILEIRO, 2003), o que nos sugere e nos auxilia como pontos de partida para investigar também uma possibilidade de inversão deste processo.

Por outro lado, faz-se necessário reconhecer por que, como, e o que levam alguns professores, na contramão destes estudos, fazerem da Dança um conteúdo legítimo de seu trabalho, aliando-a a arte, a música e a sensibilidade humana, como meio de emancipação e libertação dos sujeitos.

Sendo assim, pensando naqueles que se dispõem ao trabalho com a Dança nas aulas de Educação Física numa direção progressista e artística, nos dispomos a refletir sobre o conceito de experiência articulado à Dança como referencial formador de professores durante toda a sua história de vida.

De fato, é inevitável que se cruze a “maneira de ser” do professor com a sua “maneira de ensinar” e se desvende na sua “maneira de ensinar” a sua “maneira de ser” (NÓVOA, p.17, 1995). Portanto, instigando os leitores acerca da reflexão sobre seu processo formativo é que tentaremos elencar possibilidades que instiguem um saber da realidade e da práxis pedagógica para identificarmos experiências para além do sistema vigente, carente neste aspecto, bem como apontar pressupostos de como uma história de vida transformada pela experiência na Dança se estende a uma materialização na prática docente. Segundo Larrosa (2003), ao sujeito que se propôs e se deixou influenciar e se seduzir de tal forma a causar sua desestabilização e eventual transformação.

Notamos a importância de realizar um estudo que investigue o processo de formação de professores não somente dentro dos muros da escola, dos espaços de ensino, ou da atuação docente notada de forma isolada no tempo atual, mas que tente ultrapassar os limites do espaço e do tempo do que é ser professor, em complemento com as demais dimensões decorrentes da vida, pois de acordo com Santos, Bracht e Almeida (2009), esses limites trouxeram a profissão docente uma redução de um conjunto de competências e capacidades vinculadas à prática, o que provocou uma separação entre sua vida pessoal e profissional.

Além do mais, a importância e a necessidade da Dança estar efetivamente presente nas aulas de Educação Física, também se perfazem pelo conhecimento



**IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte**  
**XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física**



**Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012**

**EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.**

**ISSN 2179-8141**

específico que a ela lhe constitui, pois notamos que, aquele que se dispõe à Dança pode ser tocado em sua sensibilidade mais íntima, e, quando isso acontece, ele se torna capaz de transcender para além dos limites da execução de movimentos desprovidos de sentidos, ele se torna capaz de criar uma forma de “pensamento do corpo”, onde os movimentos elaborados traduzem estados de espírito e/ou inquietações presentes nele mesmo e na sociedade. Conseqüentemente, a experiência pela Dança proporciona ao professor capacidade de transformá-la em um instrumento de ação pedagógica vasta, criando interpretações e movimentos capazes de problematizar infinitas tensões que permeiam o mundo e as relações entre os sujeitos.

**PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

A fim de se chegar a novas reflexões ao tema proposto, objetiva-se fazer um estudo de revisão bibliográfica com embasamento na pesquisa de caráter qualitativo, pois de acordo com Minayo (2008) esta pesquisa trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Os referenciais teóricos serão definidos conforme abordagens precedentes disponíveis e pertinentes do tema, de caráter clássico e/ou atual, a fim de obter subsídios para definir, com clareza, os diversos aspectos a serem considerados para compreensão do fenômeno, através de perspectivas distintas.

Segundo Gurvitch (1955, apud MINAYO e SANCHEZ, 1993) a realidade social é qualitativa, podemos separar os acontecimentos como objetos de estudo em dois níveis: um vivido absoluto e único incapaz de ser captado pela ciência e, um segundo, enquanto experiência vivida em nível de forma, sobretudo da linguagem que a prática científica visa transformar em conceitos. Dentro do campo sociológico a experiência vivida é por sua vez separada em “concreto”, que admite expressão em números/estatísticas, capazes de serem contadas somadas e comparadas entre tais e em “camadas mais profundas”, que se refere ao mundo dos símbolos, dos significados, da subjetividade e da intencionalidade (MINAYO e SANCHEZ, 1993). Justamente neste nível, dos significados, motivos, aspirações, atitudes, crenças e valores, que se encontra o objeto da abordagem qualitativa.

Sendo assim, o que se pretende através deste procedimento metodológico é refletir como o conceito de experiência atrelado a Dança e a história de vida pode trans(formar) de maneira significativa a prática docente.

**FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HISTÓRIA DE VIDA**

Neste tópico partimos do entendimento que o processo de formação de professores se constitui de forma ampla, pois além do conhecimento acadêmico/científico, da vida escolar e das instituições de ensino, é preciso pensar esta formação como algo em constante movimento e construção que alcança todas as esferas da vida e, estar sujeito a tais mudanças, sejam elas pessoais, históricas, sociais e/ou



## IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física

Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012



### EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.

ISSN 2179-8141

culturais, nos fazem também confrontar com as relações e descobertas do mundo da vida, e este confronto se configura, de certa forma, no que somos.

Mas, como nos tornamos o que somos e como aprendemos o que fazemos (DOMINICÉ, 2006)? Independente de como se dá nosso processo de formação enquanto sujeitos adultos, muitas vezes não nos ocupamos desta reflexão, ou até mesmo nunca nos atemos a ela. Esta ausência de reflexão que permeiam questões e descobertas diante do que é ser sujeito e/ou ser professor se deve, sobretudo, à alienação, própria do sistema social no qual estamos inseridos.

Procede-se de uma sociedade que “coisifica” o sujeito e divide a população em pequenas classes/grupos onde a personalidade de cada um é esquecida, reduzida e aglomerada, levando a um tratamento generalizado. Para Adorno (2003) a formação tem como condições a autonomia e a liberdade, entretanto, ela se remete sempre a estruturas previamente colocadas a cada indivíduo em sentido heteronômico e em relação às quais deve submeter-se para formar-se. Isto nega aos sujeitos a construção das trocas cotidianas, das práticas lingüísticas e dos apelos a formação da identidade autônoma contra o sistema, em que se sujeita à racionalidade instrumental e a produção da sociedade como mercado (DUBET, 1994).

Consequentemente, quando a formação pauta-se pela adequação acelerada na continuidade do existente, temos o que é chamado de semiformação. Para Pucci (s.d.) a Teoria da Semiformação de Theodor Adorno afirmava que a sociedade contemporânea tende a negar cada vez mais ao indivíduo os pressupostos de sua formação, entendendo que a formação é a cultura tomada pelo lado de sua apropriação subjetiva, a cultura que se constitui pelo duplo caráter de ser, ao mesmo tempo, adaptação à vida real e à busca da autonomia do sujeito. Este sentido restritivo de ser, constitui-se por uma determinação social da produção que forma a subjetividade dos sujeitos (MAAR, 2003). Assim sendo, a semiformação furta o estímulo do não-saber que impede o conhecimento, fornecendo semi-saberes objetivados e alheios a sua experiência formativa, negando a participação na construção do mundo da vida e obstruindo sua reflexão crítica de todo processo em que está inserido.

Pensando nessa organização social, quando falamos de formação e vida adulta, nos remetemos logo à formação profissional, pois é por meio dela que passamos a pertencer a certa “classe”, ou seja, através dela podemos nos sentir como peça atuante dentro da vida em sociedade, seja qual for nosso ofício.

Dentro desta estrutura, concordamos com Ferraroti (1979) ao citar que,

A práxis humana individual é uma atividade sintética, totalização ativa de todo um contexto social. Uma vida é uma práxis que se apropria das relações sociais (as estruturas sociais) interiorizando-as e voltando a traduzi-las em estruturas psicológicas, por meio da sua atividade desestruturante-reestruturante. (...) cada indivíduo não totaliza diretamente uma sociedade global, mas totaliza-a pela mediação do seu contexto social imediato, pelos grupos restritos de que faz parte, pois esses grupos são por sua vez agentes sociais ativos que totalizam o seu contexto. (p. 44-45)



**IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte**  
**XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física**



**Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012**

**EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.**

**ISSN 2179-8141**

Para o mesmo autor, se todo indivíduo é a reapropriação singular do universal social e histórico que o rodeia, logo, podemos conhecer o social a partir da especificidade irreduzível de uma práxis individual. Desta forma, buscamos compreender a formação do professor enquanto pessoa, aspectos da vida e trabalho interligados, e para isto enfocamos o estudo com as histórias de vida (NÓVOA, 1995). O estudo da história de vida é uma tentativa de reconstruir a carreira do professor, percebendo acontecimentos marcantes e influências que foram significativas nas definições de si, de sua perspectiva sobre a vida, sobre o trabalho docente e, principalmente, sobre a construção de sua prática pedagógica (BRACHT et al, 2009).

Para isso, o conceito de formação ao qual pretendemos nos pautar vai além do campo profissional. Ele vem de um sentido de construção progressiva do sujeito em busca de sua autoformação e que se manifesta na sua biografia. O indivíduo cria um meio, um espaço próprio, que oferece-lhe uma distância mínima que permite tornar-se e ver-se como objeto específico entre os outros objetos, diferenciar-se deles, refletir-se, emancipar-se e autonomizar-se: numa palavra, autoformar-se (PINEAU, 1985).

Portanto, a formação compreende todo o percurso ao longo de uma história, não só no seu trajeto profissionalizante, mas todo o seu percurso de vida. Para Gattegno (1979 apud JOSSO, 2010),

Formamo-nos quando integramos na nossa consciência, e nas nossas atividades, aprendizagens, descobertas e significados efetuados de maneira fortuita ou organizada, em qualquer espaço social, na intimidade com nós próprios ou com a natureza. (p. 71)

Dominicé (2006) quando cita o sociólogo alemão Peter Alheit (1993, p. 188) afirma que: “[...] o curso da vida parece se tornar uma espécie de ‘laboratório’ que funciona sem programação”. Pois, são com base nas experiências sociais, corporais e inclusive aos valores a elas atribuídos, que o sujeito filtra o conhecimento e caminha na direção daquilo que o atrai, fazendo escolhas e hierarquizações, norteados por aquilo que o instiga. A formação é uma viagem aberta, interior, na qual alguém se deixa influenciar a si próprio, se deixa seduzir, e na qual a questão é esse próprio alguém, sua constituição, desestabilização e eventual transformação (LARROSA, 2003).

Enveredando esta discussão para aqueles que caminharam de encontro à docência, vale dizer que, mesmo antes de escolher esta carreira, o indivíduo experimenta diversas linguagens socioculturais. E, ao que tudo indica, neste conflito incessante da busca de sua autonomia como sujeito com sua condição de membro ativo da sociedade, a seleção de um determinado curso de graduação provém de experiências sociais vividas pelo indivíduo ao longo do seu processo de formação.

Nóvoa (1995) apud Dominicé (1988, p.140, 167) em uma de suas reflexões sobre o uso das histórias de vida esclarece bem esta concepção, afirmando que a história de vida é outra maneira de considerar a educação.



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte  
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

**EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.**

**ISSN 2179-8141**

[...] já não se trata de aproximar a educação da vida, como nas perspectivas da educação nova ou da pedagogia ativa, mas de considerar a vida como o espaço de formação. A história de vida passa pela família. É marcada pela escola. Orienta-se para uma formação profissional, e em consequência beneficia de tempos de formação contínua. A educação é assim feita de momentos que só adquirem o seu sentido na história de uma vida. A vida é o lugar da educação e a história de vida o terreno no qual se constrói a formação [...]

Segundo o autor, a profissionalização do ensino se fez por meio do saber da experiência, e por isso entendemos que é fundamental que os próprios professores se apropriem dos saberes de que são portadores, e que os perceba de forma reflexiva e conceitual diante da sua prática docente.

Porém, não se deve cair no reducionismo de considerar que as experiências sociocorporais influenciam de forma direta, exclusiva e mecânica na formação em Educação Física. (FIGUEIREDO, 2008). Mas, é impossível deixar de lado as evidências de que há uma estreita relação entre as experiências precedentes e a opção pelo curso, bem como o direcionamento dado a ele ao longo do percurso acadêmico.

Crendo que cada professor, dentro da sua individualidade percorreu por caminhos distintos e fez diferentes escolhas ao longo de sua história, cada profissional constitui um ser único, de valores e saberes peculiar. Portanto, questionamos: de que modo os percursos de vida contemporâneos, caracterizados pela pluralidade de experiências educativas, sociais e profissionais, singularizam-se nas histórias individuais?

Com anseios sobre esta investigação, encontramos nos estudos com as histórias de vida o caminho mais plausível a se percorrer. Este estudo tem um caráter revelador, pois, desvenda qual o caminho cursado até se chegar ao exercício da docência e quais os fatores determinantes, no percurso formativo do sujeito, que deram origem à sua característica própria da prática pedagógica.

**OS CAMINHOS DA DANÇA PARA A EXPERIÊNCIA**

*A experiência requer: parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, escutar mais devagar, parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos*



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte  
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

**EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.**

**ISSN 2179-8141**

*acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, dar-se tempo e espaço. (LARROSA, 2002)*

Corroboramos com Fensterseifer e González (2008) em afirmar que o conceito de experiência no campo da Educação Física se faz em relação ao corpo enquanto sujeito, e simultaneamente passa desde uma perspectiva genealógica de história de vida vinculada às práticas corporais. Para os mesmos autores, a experiência é considerada como o resultado de um processo histórico no qual se entrecruzam os discursos que definem a verdade do sujeito, as práticas que regulam seu comportamento e as formas de subjetividade nas quais se constitui sua própria interioridade.

Diferentemente da vivência, que segundo Abbagnano (2007), compreende minha atitude de observação, juntamente com uma relação concreta com o objeto, assim como, uma relação com um fim em si mesma. A experiência é algo que nos acontece para além do “concreto”, pois ela nos alcança, nos apodera e nos transforma. Fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso, podendo ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo (HEIDEGGER, 1987).

O sentido de experiência pode ser compreendido como uma maneira de sentir individualmente o que é representado pelo "vivido" ou como uma maneira de construir a realidade, de experimentar e de se reconstruir (FIGUEIREDO, 2004). Quando o mesmo autor se apropria das afirmações de Dubet (1994) notamos um conceito de experiência um tanto quanto abrangente às ações do mundo, pois para ele "a experiência social não é uma 'esponja', uma maneira de incorporar o mundo por meio das emoções e das sensações, mas uma maneira de construir o mundo."

Mas, como, em que tempo e por meio do que, algo nos constitui como experiência? Segundo o filósofo alemão Walter Benjamim, encontramos-nos em plena “pobreza de experiência”, onde as causas dessa crise são seqüelas de um desenvolvimento contínuo da técnica e a privatização da vida, que ela determina. A técnica se desenvolveu de tal forma, que a própria vida privada se torna alvo de sua violenta intervenção. O privado passou a ser público, e a subjetividade, que é determinante para o desenvolvimento do homem, é menosprezada em favor da objetividade (CRUZ, 2007).

A desvalorização da subjetividade do sujeito fica mais clara nas palavras de Bondía (2002) quando cita que,

(...) A velocidade com que nos são dados os acontecimentos e a obsessão pela novidade, pelo novo, que caracteriza o mundo



**IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte**  
**XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física**

**Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012**



**EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.**

**ISSN 2179-8141**

moderno, impedem a conexão significativa entre acontecimentos. (...) O sujeito moderno não só está informado e opinado, mas também é um consumidor voraz e insaciável de notícias, de novidades, um curioso impenitente, externamente insatisfeito. Quer estar permanentemente excitado e já se tornou incapaz de silêncio. Ao sujeito do estímulo, da vivência pontual, tudo o atravessa, tudo o excita, tudo o agita, tudo o choca, mas nada lhe acontece. Por isso, a velocidade e o que ela provoca, a falta de silêncio e de memória, são também inimigas mortais da experiência. (p. 4)

Paralelamente a isto, Benjamin nos diz que não é de se espantar que os homens aspirem a libertar-se de toda experiência, aspirem a um mundo em que possam ostentar tão pura e tão claramente sua pobreza e que, ainda assim, algo de decente possa resultar disso. Esta “pobreza” constitui um tipo de barbárie que “impede o sujeito a partir para frente, a começar de novo, a contentar-se com pouco, a construir com pouco, sem olhar nem para a direita nem para a esquerda” (BENJAMIN, 1993, p. 2).

Por outro lado temos o sujeito da experiência, que segundo Bondía (2002) é, sobretudo, aquele em que permite haver lugar para os acontecimentos, onde há um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova. E denota o “fazer” experiência como,

a possibilidade de algo que nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender o automatismo da ação, o juízo, a vontade, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, ter paciência e dar-se no tempo e no espaço. (BONDÍA, 2002, p. 24)

Para transformação da realidade, o indivíduo necessita ir além, se transportar para além da reprodutibilidade, transformando-se e modificando seu saber docente. Nesta perspectiva, a dança promove, assim como em outros contextos da Arte, essa passagem que vai além do plano da representação. Acredita-se que nela exista um fator desencadeante de sentidos/sensibilidades,



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte  
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

**EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.**

**ISSN 2179-8141**

um meio de entrar em outro mundo, no mundo do outro. Torna-se outramento, diferenciação. Ao se conectar com as forças do Impessoal, o corpo que dança se desprende de sua identidade e se abre para a criação de novos contornos, experimentando, assim, gestos de mundo e novos modos de existir (MOEHLECKE e FONSECA, p. 48, 2005).

Pela Dança, o corpo mostra que é capaz de arte e passa a representar um corpo-pensamento e não mais a representação de um pensamento preso num corpo (DANTAS, 1999 *apud* SPINDLER, 2005; KATZ, 2005). Como ferramenta na produção de saberes este corpo-pensamento pode criar diferentes formas de se expressar e interpretar a realidade a sua volta. Transformar o corpo que se move em linguagem é torná-lo capaz de ilustrar situações concretas e abstratas que permeiam a vida humana.

**REFLEXÃO FINAL**

Dentre as questões que almejamos discutir neste estudo está a reflexão acerca dos moldes em que, ainda hoje a Educação Física se forja em nossa sociedade, de forma tradicionalista e na maioria das vezes “superficializada e/ou abandonada pedagogicamente”, e principalmente pouco reflexiva acerca das possibilidades do corpo. Devido a isto, temos como consequência direta a carência dos saberes da experiência, tais conhecimentos remetem a toda região da sensibilidade e da percepção humana, referindo-se à construção sensível da existência que ocorre tanto no nível do consciente como naquele que está submerso em cada um. (SILVA et al, 2009).

Nossa intenção é que, instigado pela temática da Dança, da experiência e da compreensão do percurso formativo pela história de vida, o leitor possa reconhecer o que, durante sua própria história, o tocou de tal forma a modificá-lo profundamente. E por que não valer-se desta “experiência” como material rico na elaboração de sua prática pedagógica? Se a experiência situa-se no âmbito da Educação Física, temos uma oportunidade de engrandecimento e aprofundamento do conteúdo, mas, se está na literatura, no teatro, na música, dentre outras, podemos mesclar este conhecimento àquilo que nos é característico de cada labor para enriquecer e interdisciplinar nosso trabalho pedagógico.

De todas as formas, valer-se dos conhecimentos adquiridos pela experiência é proporcionar àquele que aprende nova oportunidade de experimentação, porque o saber produzido pela experiência está distante da mera reprodutibilidade técnica, ele encontra-se imerso em sensibilidade e auto-descobrimto. Ao professor é legítimo inquietar olhares para além daquilo que se vê e, fazer com que àquele que se propõe ao aprendizado, possa ir além de si mesmo, imergir-se no novo, no desconhecido.

Esperamos certo rompimento com a barreira do conformismo, e para tanto, uma abertura para o trabalho com os sentidos e com a subjetividade. Esta é a maior contribuição que um professor de Educação Física pode oferecer ao seu aluno, instigá-lo à busca de sua autonomia enquanto corpo que se move, enquanto ser pensante e



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte  
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

**EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.**

**ISSN 2179-8141**

reflexivo, valendo-se de uma criticidade que o situe como ator e autor de sua vida e do mundo.

Enfim, não há um parecer acabado frente às implicações da relação entre a experiência, formação docente e história de vida, pois, elas se perfazem e se transpassam constantemente. Mas, almejamos que, os professores reflitam sobre como se tornaram professores que são, bem como o conhecimento que estão construindo com seus alunos, pois acreditamos numa formação autoral e autônoma de sua própria história e de suas experiências.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ABBAGNANO, N.. **Dicionário de Filosofia**. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BENJAMIN, W. Experiência e Pobreza. In: BENJAMIN, W. **Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Brasiliense, 5ª ed., 1993, p.188.

BONDÍA, J. L.. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, Jan-Abr 2002.

BUENO, Belmira Oliveira. O método autobiográfico e os estudos com Histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. São Paulo: **Educação e Pesquisa**, v.28, n.1, p. 11-30, jan./jun. 2002.

BRASILEIRO, L. T. O conteúdo “Dança” em aulas de Educação Física: temos o que ensinar? Goiânia: **Pensar a Prática**, n. 6, p. 45-58, Jul./Jun, 2002-2003.

CRUZ, R. S. **Walter Benjamin: o valor da narração e o papel do justo**. 2009. 132 fls. Dissertação de Mestrado, Programa de pós-graduação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

DOMINICÉ, P.. A formação de adultos confrontada pelo imperativo biográfico. São Paulo: **Educação e Pesquisa**, v.32, n.2, p. 345-357, maio/ago. 2006

DUBET, François. **Sociologia da Experiência**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

FARIA, B. A.; BRACHT, V.; MACHADO, T. S. M.; ALMEIDA, U. R.; MACHADO, F. X. M. Inovação Pedagógica na Educação Física: o que aprender com práticas bem sucedidas. **Anais...** Bahia: Brasil 20 a 25 de setembro de 2009.

FERRAROTTI, Franco. **Sobre a autonomia do método biográfico**. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (Orgs.) O Método (auto)biográfico e a Formação. Natal/RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010. (p 32-57)



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte  
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

**EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.**

**ISSN 2179-8141**

FIGUEIREDO, Z. C. C. Experiências Sociocorporais e Formação Docente em Educação Física. Porto Alegre: **Movimento**, v. 14, n. 01, p. 85-110, janeiro/abril de 2008.

\_\_\_\_\_, Z C. C.. Formação docente em educação física: experiências sociais e relação com o saber. Porto Alegre: **Movimento**, v. 10, n. 1, p. 89 -111, 2004.

GONZÁLEZ, F. J. (Org.); FENSTERSEIFER, P. E. (Orgs.). **Dicionário Crítico de Educação Física**. 2. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2008. 421 p.

GOODSON, Ivor. **Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional**. In: NÓVOA, António. **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora, LDA, 1995. p. 63-78.

HEIDEGGER, M. **La esencia Del habla**. In: \_\_\_\_\_ De camino al habla. Barcelona: Edicionaes Del Serbal, 1987. Disponível em:  
<[http://www.heideggeriana.com.ar/textos/esencia\\_habla.htm](http://www.heideggeriana.com.ar/textos/esencia_habla.htm)>. Acesso em 21-03-2012.

JOSSO, M.C. **Da formação do sujeito... ao sujeito da formação**. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (Orgs.) O Método (auto)biográfico e a Formação. Natal/RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010, p. 35-50.

JÚNIOR, L. M. G.; LIMA, L. M.. Educação Estética e Educação Física: a dança na formação de professores. **Pensar a Prática** 6: 31-44, Jul./Jun. 2001-2002.

KATZ, H. T. Um, Dois, Três. A dança é o pensamento do corpo. Belo Horizonte: FID, 2005.

KLEINUBING, N. D.; SARAIVA, M. C. , Educação Física escolar e dança: percepções de professores no ensino fundamental. Porto Alegre: **Movimento**, v. 15, n. 04, p. 193-214, outubro/dezembro, 2009.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n. 19, Jan-Abr 2002.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas**. 4 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. 208p.

MAAR, W. Adorno, Semiformação e educação. Campinas: **Educação e Sociedade**, v. 24, n. 83, 2003.



IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte  
XII Congresso Espírito-Santense de Educação Física



Vitória, ES - 18 a 21 de setembro de 2012

**EDUCAÇÃO FÍSICA, IDENTIDADES E CAMPOS DE ATUAÇÃO.**

**ISSN 2179-8141**

MARQUES, I. A. Dança e Educação. **Revista da Faculdade de Educação**, São Paulo, vol. 16, n. 1-2, p. 5-22, jan-dez. 1990.

MINAYO, Maria Cecília. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 27 ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2008.

—————; SANCHES, Odécio. Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade? **Cad. Saúde Públ.**, Rio de Janeiro, 9 (3): 239-262, jul/set, 1993.

MOEHLECKE, V.; FONSECA, T. M. G. Da dança e do devir: o corpo no regime do sutil. Rio de Janeiro: **Revista do Departamento de Psicologia**, v. 17 - nº 1, p. 29-44, Jan-Jun. 2005.

NÓVOA, A. **Vidas de professores**. Trad. Maria dos Anjos Caseiro e Manuel Figueiredo Ferreira. 2. ed. Porto: Porto Editora, 1995.

PINEAU, G. **A autoformação no decurso da vida: entre a hetero e a ecoformação**. In: NÓVOA, A. FINGER, M. (Orgs) **Método (auto)biográfico e a Formação**. Natal/ RN: EDUFRN; São Paulo:Paulus, 2010.

SANTOS, N. Z.; BRACHT, V.; ALMEIDA, F. Q. Vida de Professores de Educação Física: o pessoal e o profissional no exercício da docência. Porto Alegre: **Movimento**, v. 15, n. 02, p. 141-165, abril/junho de 2009.

SILVA, A. M.; MEDEIROS, F. E.; FILHO, A. L.; SILVA, A. P. S.; ANTUNES, P. C.; LEITE, J. O. **Corpo e experiência: para pensar as práticas corporais**. In: SARAIVA, M. C.; FALÇÃO, J. L. C. (Orgs.) **Práticas Corporais no contexto contemporâneo: (in)tasas experiências**. Florianópolis: Copiart, 2009.

SPINDLER, P. Dança: uma ferramenta potencializadora da subjetividade. **Mnemosine** Vol. 1, n. 1, 2005.

PUCCI, B. **A escola e a semiformação mediada pelas novas tecnologias**. UNIMEP, s/d. Disponível em: <<http://www.unimep.br/~bpucci/a-escola-e-a-semiformacao.pdf>>. Acesso em: 10-01-2012.